

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



Brotéria (1925-2012)

São múltiplas as perspectivas de abordagem possíveis do título centenário Brotéria. A vertente historiográfica é uma delas, embora não tenha surgido nem nunca se tenha apresentado, até ao presente em que continua a publicar-se, como revista de História. A presença contínua do título no panorama editorial português – apenas interrompido em 1911 – pode elidir o duplo movimento subjacente à presença da Brotéria. Por um lado, conheceu diversas metamorfoses, entre as quais a ocorrida em 1925, talvez a mais significativa, por certo a de maior impacto e longevidade e a que contribuiu para firmar a relevância deste periódico no percurso cultural português dos últimos cem anos; por outro lado, é a mesma revista fundada em finais de 1902, não no conteúdo, mas no propósito que animou os seus promotores. Surgiu nesse ano com o subtítulo de «Revista de Ciências Naturais do Colégio de S. Fiel» que a Companhia de Jesus (SJ) dirigia em Louriçal do Campo, Castelo Branco, o que a distancia da revista de cultura em que se tornou em 1925. Porém, o intuito de explicitado no primeiro número de contribuir para «o progresso das ciências naturais em Portugal» era permeado por uma intencionalidade epistemológica que era, simultaneamente, evangelizadora, uma vez que o desenvolvimento daquelas ciências constituía, nas palavras do mesmo texto, «como que dar a mão à inteligência para a elevar à suprema verdade que é Deus». A sua titulação era reveladora destes propósitos: evocava o prestigiado naturalista português Félix da Silva Avelar, mais conhecido pelo pseudónimo que juntou ao apelido, Avelar Brotero (1744 - 1828), que foram também um clérigo diácono católico, sinalizando a compatibilidade da experiência e vinculação religiosas com o espírito e atividade científica como dois campos distintos, mas passíveis de diálogo, tanto no passado quanto no presente. Optava por desmentir a retórica de combate do cientismo panfletário que equivalia Jesuitismo a congreganismo e ambos ao obscurantismo, não com uma apologética siamesa em favor da religião, mas, o que era novo, desenvolvendo estudos científicos sólidos comprovativos da sua visão antropológica e epistemológica.

A solidez dos seus estudos de botânica e de zoologia empreendidos e publicados pelos jesuítas fundadores da Brotéria – Joaquim da Silva Tavares (1866 - 1931), Cândido de Azevedo Mendes (1874 - 1943) e Carlos Zimmermann (1871-1950) – foi bem recebida no panorama académico nacional e internacional, o que ficou expresso, também, na dinâmica acelerada de permutas com outras revistas que foi sendo assinalada a partir do número de 1904.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Publicada em ritmo anual até 1906, a exiguidade do mercado nacional para uma revista científica especializada cedo constituiu um obstáculo de monta à sustentação financeira da publicação. A primeira reformulação da revista, ocorrida em 1907, procurava obviar esse problema, garantindo, simultaneamente, que se mantinha o carácter científico da publicação. Assim, optaram por articular sob um mesmo título três séries autónomas, classificadas do seguinte modo: Botânica, Zoológica e de Vulgarização Científica. As duas primeiras, mantendo a especialização e a terceira, de incidência diversificada, cobrindo áreas como a física, a química ou a microbiologia, progressivamente alargada a outros saberes como a história das ciências, a sociologia e a arqueologia. Com a Série de Vulgarização Científica (SVC) visava-se interessar um público mais vasto que permitisse a manutenção da publicação das diversas séries, assumindo uma periodicidade bimestral, agrupando seis fascículos anuais. Essa tripartição manteve-se até 1932, altura em que, após a morte de Joaquim da Silva Tavares, um dos fundadores e o primeiro diretor das três séries, as de Botânica e Zoológica passam a constituir uma só, sob a designação de «Brotéria – Ciências Naturais». Esta foi dirigida por Afonso Luisier (1872 - 1957) entre aquele ano e 1956, sendo sucedido por José Guedes de Albuquerque Vilhena Carvalhais (1912 - 2008) entre 1957 e 1961 e Luís Jorge Peixoto Archer (1926 - 2011), sob cuja liderança a série alterou a sua designação para «Brotéria – Genética» entre 1980 e a sua extinção em 2002. Antes disso, em 1925, a SVC – a partir daí frequentemente referida sob o título genérico de «série cultural» – passou a designar-se por Fé-Ciências-Letras, apresentando-se como uma 2ª série e reiniciando a contagem dos seus números que passaram a periodicidade mensal, sendo reunidos em 2 volumes anuais. Aquele subtítulo foi sendo sucessivamente alterado. Em 1932, apresentando-se como «Revista Contemporânea de Cultura»; a partir de 1965, «Revista de Cultura», designação que perdurou até 1970, quando passou a designar-se «Cultura e Informação», reassumindo em 1999 o subtítulo de «Revista de Cultura». A última alteração data de 2001, ocasião em assumiu a referência «Cristianismo e Cultura». A permanente referência à cultura sinaliza o amplo espectro da incidência temática da Brotéria e a vinculação à intencionalidade originária: firmar uma presença activa da SJ e, de forma mais abrangente, do catolicismo nos debates culturais que atravessaram a sociedade portuguesa na última centúria. Foi, de facto, como «revista de cultura geral» que António Leite perspetivou, na «Nota Prévia» aos índices da Brotéria – Revista Contemporânea de Cultura 1925-1962, a «transformação» ocorrida em 1925. Por ocasião do centenário, o então diretor Hermínio Rico traçou uma continuidade de propósito que unificaria a atividade editorial da revista como «espaço do diálogo estruturado e do encontro fecundo» entre «Fé, Ciência, Cultura».

No que respeita à direção da revista, depois de Joaquim da Silva Tavares sucederam-se Paulo Durão Alves (1893 - 1977) em duas ocasiões, 1932-1933 e 1954-1958; Mariano Monteiro de Carvalho Pinho (1894 - 1963), entre os anos de 1934 e 1935; Domingos Maurício Gomes dos Santos (1896 - 1978), de 1936 a 1949; António Maria de Meireles Leite de Castro, mais conhecido como António Leite (1911 - 2004), também por dois períodos, de 1950 a 1954 e entre 1959 e 1964; tal como sucedeu com Manuel Antunes (1918 - 1985), primeiro entre 1965 e 1971, depois entre 1976 e 1982. O mesmo ocorreu com Luís Archer (1926 - 2011), de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

1972 a 1975 e entre 1994 e o ano 2000; António da Silva (1926 - 2005), dirigiu os destinos da revista entre 1983 e 1993; e Hermínio Nogueira Ferreira Rico (n. 1961) entre 2000 e 2008; seguindo-se António Vaz Pinto (n. 1942), de 2008 a 2016.

A dispersão da comunidade de São Fiel, que sobreveio à expulsão da Companhia de Jesus decretada pelo Governo Provisório da República a 8 de Outubro de 1910, implicou sucessivas alterações da sede direção da Brotéria: em 1913 surgia como «Revista Luso-Brasileira» estando a sua direção na Baía, Brasil, e a redação em Salamanca de onde transitaria para Tuy, em 1914. Em 1919 estava sediada no Colégio da Companhia em La Guardia. À medida que, na década seguinte, se foi perspectivando o regresso mais estável da Ordem a Portugal, os números de 1923 e 1924 apresentam Braga e Caminha como locais de edição. A partir de 1928, com a abertura em Lisboa da missão da SJ, a revista estava a caminho de estabilizar a sua sede, primeiro na Rua Braamcamp e, desde 1930 e durante a cronologia em apreço, na Rua Maestro António Taborda.

Quando da reformulação de 1925, o custo da assinatura desta série cultural cifrava-se nos 50 escudos, valor que foi progressivamente evoluindo até atingir, em meados da década de 1970, os 230\$ (30\$ por número avulso), 10 dólares (USD) em Espanha e no Brasil e 15 USD nos «outros países». Na viragem para a década de 1990, os custos de assinatura e seu agrupamento geográfico eram apresentados da seguinte forma: 1.900\$ em Portugal (200\$ por número avulso), 13 USD em Espanha e «Países africanos de expressão portuguesa» e 30 USD nos «outros países». Em 2012, a assinatura da Brotéria custava 55€ em Portugal (6€ por número avulso), 90€ na restante «União Europeia» e 95€ nos «outros países».

As referências às variadas geografias enunciadas são indicativas de um caminho de duplo sentido: por um lado, indiciam o alcance da Brotéria para lá das fronteiras nacionais, ao mesmo tempo que, por outro lado, recebia ofertas de autores e editores, entre outros, espanhóis, franceses, alemães e italianos, além de portugueses, identificadas na secção «Obras recebidas na Redacção». No seu conjunto, terão constituído um contributo relevante para a constituição da biblioteca da Brotéria, de acesso público desde 1995, e que compreende, para lá de um acervo de mais de 200 periódicos, um conjunto de monografias que rondará os 160.000.

É no quadro mais amplo da intervenção cultural abrangente, destinada a um público relativamente diferenciado, como se entrevê pelos custos de subscrição e se confirma pela solidez do conteúdo dos artigos, que a presença da historiografia nas páginas da Brotéria pode ser apreciada, articulando-se em torno de três eixos principais: o espaço dado a artigos de incidência historiográfica; a produção de historiadores da Companhia de Jesus, tanto portugueses quanto estrangeiros; o lugar primacial reservado à História da SJ, na sua relação com processos e protagonistas da História de Portugal e, de modo particular, da sua expansão ultramarina e respetivas consequências.

Quanto ao primeiro, não pode deixar de relevar-se o espaço que, enquanto revista de cultura, abriu à divulgação da historiografia e à sinalização de publicações desse âmbito, notório no segmento «Bibliografia»



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

destinado a sinalizar publicações relevantes e nas recensões a obras de História ou com ela diretamente conexas, como são os exemplos de «Os Descobrimentos portugueses» de Jaime Cortesão, por Domingos Maurício, ou dos «Ensaio» de António Sérgio, por João Mendes. Essa presença da historiografia decorreu do paulatino alargamento temático da revista, anterior, por isso, à remodelação ocorrida em meados 1925: o primeiro número da «Série Cultural» dá continuidade à publicação de uma série de estudos de Luís Gonzaga de Azevedo agrupados sob o título genérico de «Idade Média» que surgem no índice desse ano no apartado «Ciências» em que a «História» surge separada da «Pré-História», onde se situam trabalhos dos âmbitos da paleologia e da arqueologia. As publicações desta índole primam pela variedade temática que se estendem da história da cultura («Verlaine e o simbolismo em Portugal»; «A reforma da universidade e os seus problemas») à história da música e história da arte («Música contemporânea de vanguarda» e o ideal de cultura universal»; «Grão Vasco e os pintores de Viseu»); da história da ciência («A cultura científica de Inácio Monteiro»; «Uma academia científica luso-espanhola, antes da expulsão dos jesuítas») à história económica («A economia portuguesa e a E.F.T.A.»; «Fundamentos e objectivos da política industrial portuguesa (1931-1986)»); da história política («A política externa pombalina»; «Discurso historiográfico e construção do saber. O topos «decadência e queda» do Império Romano na historiografia contemporânea») à história social («Escola de cavaleiros. A educação do cavaleiro, segundo o «Código das Sete Partidas» de Afonso X, o Sábio»; «Cristãos na luta de classes»), com particular incidência da problemática religiosa («História da moderna estética religiosa»; «Plano de Acção Pastoral do Patriarcado de Lisboa — 20 anos depois — Alguns comentários de natureza histórica e teológica»). Esta pluralidade temática é reflexo da diversidade de autores de diversos quadrantes historiográficos e geográficos, muito embora a larga maioria seja de nacionalidade portuguesa. Considere-se a variedade mostrada pelo elenco seguinte, destituído de qualquer propósito de exaustividade: Carlos da Silva Tarouca, Manuel Gonçalves Cerejeira, Banha de Andrade, José Sebastião da Silva Dias, José Vitorino de Pina Martins, Eduardo Brazão, Lindley Cintra, Rómulo de Carvalho, Luís Filipe Barreto, António Matos Ferreira, Luís Filipe Thomaz, José Eduardo Franco, Eliane Cristina Deckmann Fleck, Philippe Boutry. Isto, considerando autores cuja produção intelectual ou académica pode ser diretamente enquadrada no âmbito historiográfico: o leque será ainda mais alargado e variado quando se consideram as publicações que, de algum modo, se cruzam com a atividade de historiador ou potenciam o cruzamento de outros saberes com a historiografia – Joly Braga Santos, Orlando Ribeiro, Maria de Lourdes Belchior, Eduardo Lourenço, António Tabucchi, José Barata-Moura, Fiamma Hasse Pais Brandão. Este panorama torna dificilmente divisível um projeto estritamente historiográfico, bem como uma análise de um temário coerente e dos recursos analíticos discursivos mais relevantes: os temas, problemas e conceitos são variados, devendo-se mais à oportunidade dos debates – os centenários evocados, de variada natureza e cronologia ascendendo a perto de 200 na contabilização de João Francisco Marques no ano de 2002 – e à disponibilidade dos autores, seus interesses e especialidades, que a um plano prévio em que se integrassem. Essa característica explicará a presença relativamente residual da reflexão sobre a atividade historiográfica («A



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

historiografia, como género literário»; «História da Historiografia»; «Horizontes da historiografia eclesiástica em Portugal (no centenário de Fortunato de Almeida)»).

O segundo eixo torna patente a Brotéria como um dos meios de divulgação da investigação historiográfica empreendida por historiadores jesuítas, portugueses e estrangeiros. Entre eles contam-se Francisco Rodrigues (1873 - 1956) e Domingos Maurício, Serafim Leite (1890-1969), Mário Martins (1908 - 1990), António Lopes (1926 - 2007) e Nuno da Silva Gonçalves (n. 1958) – tendo todos integrado a Academia Portuguesa da História. Esse leque teria de abrir-se a outros cuja produção intelectual não seja diretamente ou maioritariamente de natureza historiográfica, nem por isso deixaram de exercer influência nesse campo do saber ou refletir sobre ele. Tal seria o caso de Paulo Durão Alves (1893-1977), cuja atividade primordialmente filosófica não deixou de considerar a problemática historiográfica («Filosofia e História: o saber histórico: sua natureza e problemática», publicado na Revista Portuguesa de Filosofia que surgiu da autonomização da «Secção de Filosofia» da Brotéria editada entre 1945 e 1947) embora os seus trabalhos publicados na revista tenham incidido, em particular, no campo da literatura portuguesa contemporânea da primeira metade do século XX e, em particular, da recensão dos “escritores católicos”; e, sobretudo, de Manuel Antunes cuja influência intelectual extravasou em muito as páginas da revista, mas de cujo prestígio esta beneficiou. Além dos historiadores jesuítas portugueses, a Brotéria contou com a colaboração de historiadores estrangeiros membros da Companhia, entre muitos outros, Ernest J. Burrus, Hubert Jacobs, Joseph Joblin, Alfredo Verdoy, Josef Franz Schütte, Pierre Blet, Joseph Masson, Rafael Carbonell de Masy, José Ferrer Benimeli. As contribuições deste historiador são um dos múltiplos exemplos reportáveis do amplo espectro temático da Brotéria e da intencionalidade multidisciplinar que se divisa em variados contributos de historiadores jesuítas, versando assuntos diferentes do núcleo central das suas investigações («Mito do Marquês de Pombal: um comentário»; «Globalização, pobreza e exclusão social»).

A Companhia de Jesus, os seus membros e as redes de sociabilidade que proporcionou ou geriu, foram presença incontornável de muitos dos processos religiosos, políticos e sociais da História portuguesa dos últimos séculos. Acresce que o seu papel foi, frequentemente, alvo de polémicas historiográficas e disputas culturais. Compreende-se, assim, que o último dos eixos enunciados respeite o amplo espaço concedido na Brotéria a estudos, cujo número ultrapassa a centena, que incidem diretamente sobre a SJ. Num primeiro apartado, relevem-se as abordagens de carácter geral sobre a Ordem e os seus membros, quer revisitando polémicas, quer sinalizando nova documentação, quer alargando o espectro da análise historiográfica («Influência dos jesuítas. A lenda e a história», Luiz Gonzaga Cabral; «Os jesuítas portugueses perante a História (à luz de documentação inédita)», Mário Vítor; «A intolerância dos jesuítas na Etiópia», Paulo Durão; «Jesuítas astrónomos», M. M. S. Navarro Neumann; «D'Alembert e as Constituições S.J. (a 200 anos da Revolução Francesa e 450 da fundação dos Jesuítas)», António Lopes). Depois, aproveitando frequentemente o ensejo proporcionado pelas evocações de centenários, relevando as intervenções do universo jesuíta nos processos e com os protagonistas da História de Portugal («Camões e os jesuítas. A

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

propósito duma nova edição dos Lusíadas», Domingos Maurício; «O Marquês de Pombal e os jesuítas», Manuel Antunes; «O restabelecimento dos jesuítas em Portugal no reinado de D. Miguel I», Henrique de Campos Ferreira Lima; «O primeiro Prémio Nobel português aluno dos jesuítas», Gomes de Zurara; «Os jesuítas e a ciência (a 450 anos da fundação da Companhia de Jesus: 1540-1990)», Alfredo Dinis). Por último, sublinhe-se o vasto conjunto de abordagens diretamente relacionadas com a atuação da Companhia de Jesus no quadro da expansão ultramarina nacional («Colonização dos portugueses no Brasil. Os jesuítas do Sr. Jaime Cortesão e a liberdade dos índios, etc.», Serafim Leite; «As confrarias dos jesuítas em terras de Salsete (Goa) no séc. XVI-XVII», Leopoldo da Rocha; «Descoberta de originais do Arquivo de Macau, base da coleção "Jesuítas na Ásia"», Josef Franz Schütte; «A autonomia dos povos guaranis evangelizados pelos jesuítas (1609-1767) (no quinto centenário iniciano 1491-1991)», Rafael Carbonell de Masy; «Os jesuítas portugueses e a Serra Leoa (1605-1617). I - A atividade do P. Baltasar Barreira», Nuno da Silva Gonçalves; «Os jesuítas no Japão nos séculos XVI e XVII», Estêvão Samagaio; «A acção dos Franciscanos e dos Jesuítas na conquista e povoamento da Amazónia (1617-1662)», Lucinda Saragoça).

A intencionalidade matricial dos fundadores da revista cunhou-lhe uma amplitude epistémica que se manteve e reforçou através das suas variadas metamorfoses, ultrapassando o campo da problemática religiosa para tratar de forma autónoma, mas dialógica, os planos da fé e do conhecimento, nos seus diversos campos, entre os quais se inclui a História. A assinalável longevidade da Brotéria no panorama editorial português, a pluralidade dos autores a que deu espaço e a diversidade das temáticas historiográficas difundidas através das suas páginas, que pode vislumbrar-se na síntese das referências apresentadas, sublinha o relevo atribuído à produção historiográfica e o destaque conferido à sua divulgação junto de um público mais vasto, dificultando, todavia, uma caracterização que confira coerência temática e metodológica a uma publicação que não se revestiu desse propósito. As mesmas características convocam a tomar a Brotéria não, apenas, como repositório significativo de parte da historiografia publicada em Portugal no último século e das tendências que a atravessaram, mas como possível objeto de análises aprofundadas da mesma.

Bibliografia ativa: Brotéria (1902-2012)

Bibliografia passiva: FRANCO, José Eduardo, Brotar educação: História da Brotéria e do seu pensamento pedagógico (1902-1996), Lisboa: Roma, 1999; RICO, Hermínio, Franco, Eduardo (Coord.), Fé, Ciência, Cultura: Brotéria – 100 anos, Lisboa, Gradiva, 2003; ROMEIRAS, Francisco Malta, Os Jesuítas em Portugal depois de Pombal. História Ilustrada, Cascais, Lucerna, 2018; S. N., Ensaios (Im)Pertinentes, Lisboa, Brotéria, 2018.

Sérgio Ribeiro Pinto